

ao mesmo tempo que prosseguia o *tratamento analítico*. Depois de marcada melhoria da saúde mental, acusou intensa hostilidade contra o psicanalista e, em seguida, tornou-se interiorizada e apática, acusando tendência ao mutismo. Por iniciativa da família, foi trazida para o Brasil e, depois de examinada por vários psiquiatras, foi internada no Instituto Prof. Pacheco e Silva, em 6-4-1951 (obs. n.º 1446).

A paciente, dotada de tipo astênico, com vinte e dois anos de idade, apresentava panículo adiposo bastante escasso, musculatura e esqueleto delicados, mucosas visíveis relativamente coradas. Tireóide palpável, de volume dentro de limites normais. Dentes conservados, algo descuidados no tocante ao asseio; língua de aspecto normal. Ausência de malformações físicas e de dores osteócopas. Sistema piloso com distribuição peculiar ao sexo feminino. Sistema ganglionar normal. Eletrocardiograma normal (colhido pelo Dr. Sylvio Bertacchi, em 11-4-1951). Pulso radial: 88 batimentos por minuto. P. A.: 12, 0 e 8,5. Nada de anormal nos órgãos essenciais à vida. Reflexos osteotendinosos vivos, mormente nos membros inferiores.

A paciente, com fâcies apreensiva e vestuário negligente, apresentava-se em atitude receosa e, outras vezes, autista. Respondia às vezes mal às perguntas, devido à atenção diminuída, à discreta bradipsiquia e à acentuada introversão. Entretanto, apesar da tendência ao mutismo, descrevia, de modo fidedigno, os fatos concernentes à sua vida, em demonstração das funções mnésicas ainda satisfatoriamente conservadas. Apresentava-se bem orientada, salvo em relação ao próprio estado mórbido: não se supunha doente, mas abandonada por Deus. Quizera viver com a graça de Deus, principalmente com a mulher casada, mãe de muitos filhos, de acordo com as normas cristãs. Mas, revoltada porque lhe haviam roubado a oportunidade para se casar, decidira viver contra Deus. Então, em busca do Demônio, entregara-se ao estudo de correntes filosóficas e de ciências proibidas pela Igreja. Com surpresa sentira-se distinguida por fenômenos extraordinários. O Diabo, segredaria palavras, de modo indistinto, dentro da sua cabeça. Convenceu-se de que o Demônio estaria alojado dentro de sua pessoa, mormente quando se sentiu assaltada por emoções súbitas, pensamentos absurdos e uma sensação de distensão do corpo, mormente no tórax. Assustou-se quando o Demônio a impelia a andar pelas ruas de Paris, a comprar certos livros, a freqüentar os bares existencialistas. Sentia-se súbitamente forçada a fumar e concluiu que o Diabo deveria introduzir-se ou deixar o seu corpo através da fumaça. Nas ruas, os transeuntes às vezes pareciam Demônios disfarçados, incumbidos de fiscalizá-la. Outros transeuntes pareciam contemplá-la, de modo velado, com admiração e medo, reconhecendo-a como agente do Diabo. Quando avistou os pais, que vinham visitá-la em Paris, o Demônio lhe teria suscitado o impulso de agredí-los. Decidira-se a lutar contra a *possessão diabólica*. O exorcismo quase teria conseguido libertá-la do Demônio. O *tratamento psicanalítico*, acrescido da *insulinoterapia*, inspirara-lhe esperança de salvação. Mas, depois teria descoberto que o psicanalista era um Demônio disfarçado. A sua situação, afirmava a paciente, só poderia ser resolvida por um sacerdote e não por um médico.

Segundo a antiga concepção demonológica, a paciente fôra vítima da *possessão*. Na interpretação psiquiátrica, a paciente, acometida por alucinações intrapsíquicas e outras manifestações de automatismo mental, cenestopatias e falsas interpretações, acusava um delírio de influência diabólica, na forma da *demonopatía interna*, encerrando certo colorido megalomaniaco e persecutório. Além de

julgar-se possuída pelo Demônio, na forma da *demonopatía interna*, supunha-se uma agente do Diabo, uma espécie de feiticeira, assim se caracterizando o quadro da *demonolatria*. Essas cogitações mórbidas verificaram-se no curso da *esquizofrenia*, na forma *paranóide*. No ambiente hospitalar, a paciente recebeu uma série de *eletrochoque* e de *insulinoterapia*, assim como um tratamento sedativo e tônico do sistema nervoso. Em seguida, foi submetida a uma série de *eletro-estimulação*. Ao deixar o hospital, em 11-6-1951, a paciente, apenas melhorada do quadro esquizofrênico, recebeu uma orientação de sentido psico-higiênico, salientando-se a conveniência de evitar certas cogitações místicas capazes de agravar-lhe as condições psíquicas. Para continuação do tratamento exigido pelo caso, a paciente foi internada em hospital psiquiátrico nos Estados Unidos.

OBSERVAÇÃO N.º 11 — L. A., de sexo masculino, nasceu a termo, em parto normal, em uma família com muitos tipos excêntricos. O pai se proclamava a única pessoa equilibrada da casa. Exigia que todos cumprissem rigorosamente os deveres religiosos, pois, do contrário, seriam castigados pelo Céu. Como era temente a Deus e assim organizara uma vida decente, concluiu que os homens eram tanto melhores quanto mais experimentassem terror em relação ao Inferno. A sua esposa, timorata e sugestível, subordinava-se às suas injunções e faleceu ainda relativamente jovem, em consequência de colite (sic). Os filhos, em número de quatro, eram introvertidos, rebeldes e instáveis. Tornaram-se displicentes no tocante às obrigações com a Igreja e, ao adquirir profissões, abandonaram a casa paterna, casaram-se e multiplicaram-se. Um deles, com um quadro de esquizofrenia, não obteve remissão apesar dos tratamentos ministrados e residia em hospital psiquiátrico. O pai colocou o filho L. P., nosso paciente, como aluno interno em colégio de orientação católica, em São Paulo, pois desejava que se dedicasse à carreira eclesiástica.

No colégio, o paciente revelou-se dotado de excelente capacidade de aprendizagem, mas não se adaptou ao estudo metódico de todas as matérias. Empenhou-se em conhecer tudo quanto se referia à Religião e, nesse objetivo, aprofundou-se, por sua própria iniciativa, no estudo das línguas, inclusive do latim e do grego. Familiarizou-se com as obras proibidas pela Igreja e concernentes às outras Religiões. Apesar de estudante, criticou o cristianismo, buscando apontar deformações e falhas na doutrina da Igreja. Sentiu-se decepcionado, considerando as atitudes dos professores demasiado formais, ou escandalizadas, nunca compreensivas e superiores. Quando concluiu o curso ginasial, estava decidido a não seguir a carreira eclesiástica, fugiu do colégio e instalou-se provisoriamente na casa de um amigo. O pai, decepcionado, deixou de enviar-lhe a mesada. O paciente, para assegurar a própria subsistência, dedicou-se ao jornalismo, colaborando nas seções religiosas da imprensa diária. Especializou-se na tradução de obras de filosofia oriental, ocultismo e outras ciências correlatas. Depois lançou livros de sua própria autoria e, em reuniões com outros interessados, debateu as suas concepções pessoais em matéria de Religião. Advertiram-no de que, com estudos em terreno tão transcendental, poderia realizar obra valiosa, mas também se arriscava a sofrer um colapso nervoso. Ademais, quem critica Deus, estaria exposto a tomar o partido do Diabo. Antes louco e possesso, do que medíocre e beato, teria respondido o paciente. Reconhecia estar predisposto aos transtornos psíquicos: o pai e os irmãos não pareciam muito equilibrados. Um irmão era doente